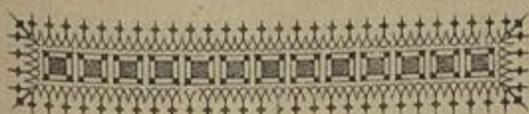
REVISTA ILLUSTRADA DE PORTUGAL E DO EXTRANGEIRO

Preços da assignatura	Anno — 36 n.os	Semest. — 18 n.os	Trim. — 9 n.os	N.º á entrega
Portugal (franco de porte, m. forte)	3$800	1$900	$950	$120
Possessões ultramarinas (idem)....	4$000	2$000	—$—	—$—
Extrang. (união geral doscorreios)	5$000	2$500	—$—	—$—

22.º Anno — XXII Volume — N.º 736

10 DE JUNHO DE 1899

Redacção — Atelier de gravura — Administração
Lisboa, L. do Poço Novo, entrada pela T. do Convento de Jesus, 4
OFFICINA DE IMPRESSÃO — RUA NOVA DO LOUREIRO, 25 A 39
Todos os pedidos de assignaturas deverão ser acompanhados do seu importe e dirigidos á administração da Empreza do Occidente, sem o que não serão attendidos.— Editor responsavel Caetano Alberto da Silva.

CHRONICA OCCIDENTAL

Vai fazer-se — até que finalmente! — a revisão do processo Dreyfus, que ha tantos mezes apaixona a opinião e foi, sem duvida, o mais discutido e importante assumpto d'este fim de seculo na historia d'uma sociedade gangrenada.

Da Ilha do Diabo será brevemente transportado para França, aonde deve chegar n'um dos ultimos dias do mez, o militar exautorado sobre quem pesa a tremenda accusação. Novamente vai ser ouvido, nova sentença vai pronunciar-se.

Mas de que admiravel força d'animo deve ser dotado aquelle homem, se, innocente, assim teve de padecer por culpas d'outros, se deshonrado foi por um acervo de traições e de mentiras forjadas por homens poderosos! Que horrorosos dias deve ter vivido n'aquelle desterro horroroso!

A noticia da revisão não podia deixar de ser recebida com enthusiasmo pelos dreyfusistas, com odio pelos outros. Eram de prever os conflictos, fosse qual fosse a decisão do tribunal superior. Não havia possibilidade de medidas energicas, que os evitassem. Estavam os animos muito exaltados. Em coisas de tanta má fé, que nos espantam, é de espantar a boa fé de muitos. Mas esta é tão evidente, como indiscutivel a outra.

Foi em Auteuil, por occasião das corridas de cavallos, que rebentou a violenta manifestação contra o Presidente da Republica.

Em todo o trajecto a multidão mostrára-se respeitosa; mas quando Loubet, que era acompanhado pelo presidente do conselho, chegou ao campo das corridas, de muitos lados rebentaram gritos: — Panamá! Abaixo Loubet! Viva o exercito!

O conde Christiani atirou uma bengalada ao chapéo do Presidente da Republica.

Foi um verdadeiro combate entre a policia e os manifestantes, terminando pela prisão de muitos d'elles, alguns dos quaes possuidores de nomes muito conhecidos na alta sociedade parisiense.

Um dos presos é o Conde de Dion, presidente d'um dos mais aristocraticos clubs de Paris.

O conselho de ministros reunido no Elyseu adoptou medidas de energia excepcional, algumas das quaes, por certo, deverão ainda exacerbar os odios dos inimigos.

Nas camaras as sessões são tempestuosas e as velhas questões do Panamá resurgem a cada momento, entre gritos offensivos contra o chefe do estado.

Emilio Zola já regressou a Paris e escreveu ao procurador geral da republica que podia mandar-lhe intimar o arresto do tribunal de Versailles no seu domicilio em Paris.

Como principio da muito provavel victoria, Zola encontra preso o official contra quem escreveu. «Accuso o tenente coronel Du Paty de ter sido o obreiro diabolico do erro judiciario commettido contra Dreyfus e de haver em seguida defendido a sua obra nefasta durante tres annos, por meio das machinações mais criminosas e torpes.»

O povo, felizmente, não tomou por emquanto, parte activa n'essas manifestações, que, n'estes ultimos dias vieram novamente demonstrar-nos o estado de effervescencia dos animos em Paris.

O conselho municipal approvou por unanimidade uma ordem do dia reprovando a aggressão de que foi victima o Presidente da Republica, exprimindo um voto de confiança em Loubet.

Com certeza que esta unanimidade de votação é eloquentemente significativa.

Tambem os politicos portuguezes sahiram, ha dias, da sua pacatez habitual, dando que falar e interessando os partidos a decisão tomada na camara dos pares para publicação em separado, do voto da minoria na commissão de guerra. A proposta do sr. Pereira Dias, o qual accusou a maioria regeneradora de fazer obstruccionismo, foi approvada pela camara. O sr. Hintze declarou então que todos os regeneradores, membros de quaesquer commissões se exoneravam, visto o aggravo feito aos seus collegas da commissão de guerra e que todos sahiriam da camara, logo que a reforma do exercito entrasse em discussão.

Estamos n'um mez cheio de dias santos, e como, segundo consta, as camaras deverão fechar antes de julho, poucos dias restam aos apaixonados das coisas politicas.

A vinda da esquadra franceza, esperada no Tejo ás cinco horas da tarde do dia 11, é que novamente ateou as discussões sobre a politica europeia, paz e guerra, que a visita das esquadras de Allemenha e Inglaterra iniciára.

THEATRO DE D. MARIA II

A ACTRIZ VIRGINIA

(Copia de uma photographia do sr. H. Goes)

A esquadra franceza compõe-se de desaseis navios que trazem uma tripulação de perto de seis mil homens.

Sobre os motivos da visita fala-se d'um accordo entre a Hespanha e a França, ao qual não seria indifferente a independencia de Portugal.

É possivel que a união iberica seja o sonho predilecto, na actualidade, de muitos hespanhoes; não é com certeza o sonho dos portuguezes.

Alguns hespanhoes, que melhor conhecem Portugal, teem bem a certeza d'isso e sabem quanto, em meio das ultimas desgraças que nos enfermaram, conservamos vivo um sentimento velho de muitos seculos.

Não ha muitos dias foi o facto eloquentemente affirmado por um academico distincto perante um auditorio escolhido, que, decerto, avaliou em seu justissimo valor as palavras eloquentes do sr. Sanchez Moguel.

Na Real Academia de Historia de Madrid, foi recebido, a 28 do mez passado, o novo socio de numero, sr. marquez de Ayerbe, que, ainda ha pouco, foi representante de Hespanha em Portugal e n'este paiz deixou, pelos seus dotes intellectuaes e sociaes e pela respectabilidade de seu caracter, innumeras sympathias.

Escolheu elle para thema do seu discurso de recepção o casamento das infantas de Aragão com os reis de Portugal. Aragonezas foram D. Dulce, mulher de D. Sancho I, D. Leonor mulher de D. Duarte, D. Isabel, a Rainha Santa, mulher de D. Diniz. O thema era bellissimo e o novo academico tratou-o com a sua já reconhecida auctoridade.

Um outro socio de numero lhe respondeu e oxalá tenham ecco em Hespanha as suas palavras.

Disse, em seu discurso, o sr. Sanchez Moguel: —«É necessario, absolutamente necessario, abandonar o campo das sonhadas uniões politicas; porque, se a politica tem os hespanhoes em sua casa e os portuguezes na d'elles divididos em antagonicos e irreconciliaveis partidos, se é impotente para unir hespanhoes com hespanhoes e portuguezes com portuguezes, como irá unir portuguezes com hespanhoes! Desuniria o unido e não uniria o desunido.»

E continuando no seu discurso, accrescentou: —«Portugal não é um territorio maior ou menor da Peninsula; é uma monarchia secular que symbolisa a sua independencia; é uma historia grande e gloriosa como a castelhana ou a aragoneza; é uma potencia colonial importante; é um povo ao qual, por ser carne da nossa carne e osso dos nossos ossos, não podemos considerar em nenhum sentido inferior; é, para dizer tudo, uma nação como a Belgica ou a Hollanda, com o mais justo e concludente de todos os titulos de vida: — ser livre e querer sel-o!»

Tão justo como o foi, o sr. Sanchez Moguel não podia ser mais agradavel para comnosco. O illustre academico, acabamos de vel-o, é um bom e leal amigo de Portugal.

A esquadra franceza, que breve chegará a Lisboa, e ainda uma ou outra discussão nas camaras, deverão por uns dias entreter a politica. Depois, com os calores que vão cahindo, hão de abater-se os animos e tudo recahirá no marasmo habitual.

Estamos quasi em tempo de ferias, de descanço. Em Coimbra, já fecharam as aulas, e n'outras escolas superiores; brevemente fecharão as dos lyceus.

Teem sido grandes os ultimos calores. Santo Antonio e S. João não querem desmerecer da fama. Entramos no reinado dos chapéos de palha.

São horas de sahir da cidade, de ir por esses campos fóra á procura da sombra d'uma tilia, com um livro bem debaixo do braço, a *Esperança Nossa* de Guedes Teixeira ou a *Mocidade* de João Saraiva. Cae o calor, as cigarras cantam nas oliveiras. Ao longe, uma cantiga de Santo Antonio, ao compasso de roupa batendo:

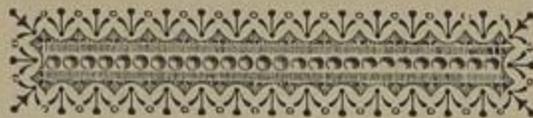
Santo Antonio é rei dos santos,
Cria amor nos corações,
A's cachopas dá encantos,
Aos rapazes dá paixões.

É o tempo das boas séstas com sonhos côr de rosa... para quem ainda pode dormir, para quem ainda pode sonhar, para quem não conhece esse tormento horroroso da insomnia continuada.

Havia um contra-regra n'um dos theatros do Porto, que a toda a hora estava cabeceando entre os bastidores.

— Homem! Você está sempre a dormir! disse-lhe um dia, zangado, o director de scena.

— Pudera! respondeu elle. Eu não hei de estar sempre a dormir!... Eu não durmo nada!

João da Camara.

AS NOSSAS GRAVURAS

VIRGINIA

Por este nome tão doce, que tão bem lhe vai á phisionomia candida, todos a conhecem, e só por elle. É condão de raras o ser assim conhecida por um nome só, o primeiro, o de baptismo que depois se illustra.

Querida de todos é ella, como bem poucas, porque poucas assim o merecem. É que ella dispoz d'um segredo, é porque soube conservar em si o misterioso perfume das mulheres, que, por horas, tão bem poude encarnar, criações de poetas a que deu alma.

Uma fada, quando ella, pequenina, teve no berço o encanto do primeiro sorriso, dotou-a com a extraordinaria sympathia de seu rosto, deu-lhe aos olhos o fulgor de diamantes negros illuminados pela doçura do luar, á voz notas estranhas que são d'oiro e cristal; deu-lhe ao gesto eloquencia, elegancia ao andar.

Tão ricamente dotada, deviam flores juncar-lhe o caminho, ovações acompanhal-a sempre. Faltava saber-se, tão só, se era impressionavel aquella alma, malleavel aquelle espirito.

Discipula querida d'um grande mestre, muito nova mostrou logo como digna do escrinio era a joia, que n'ella se continha.

José Carlos dos Santos teve a gloria enorme de apresentar ao publico quem por tantos annos havia de ser a artista querida dos portuguezes, e que havia de contar quasi tantos triumphos como papeis desempenhados.

Desde a encantadora ingenua dos *Solteirões* até á ultima criação da actriz no theatro de D. Maria, que serie tão bella de typos inolvidaveis! Com tantas notas d'arte e tão diversas formava-se a mais bella das symphonias na mais variada orchestra!

Seguiam-se os allegros aos adagios, e todas as notas das escalas haviam de gritar, de soluçar, de explodir, nas cordas chorosas dos violinos, nos instrumentos de madeira tão cariciosos, nos metaes vibrantes.

Que bello espirito aquelle que assim se amolda ás mais variadas criações! A mesma Virginia que desempenhou a *Maria* do *Frei Luiz de Sousa*, fez a *Mademoiselle de Saint-Genest* e a *Dionisia!* Que tres mulheres tão differentes! Fez a *Fedora* e a *Desdemona*. Ainda ha bem pouco tempo, no theatro da Trindade, com intervallo de poucos dias, fez a velha da *Honra* e a infeliz amante da *Musotte*.

Não ha auctor dramatico que não deva a Virginia uma boa parte de suas melhores glorias.

Actualmente é a primeira actriz do theatro de D. Maria.

Não esfriou ainda o enthusiasmo. Virginia é soberana. Largo futuro a espera, formosa estrada se lhe abre por onde ha de caminhar para um horizonte sempre luminoso, berço de novos astros. Criam-lhe essas constantes auroras a excepcional malleabilidade do seu feitio artistico, a riqueza e variedade de seus dotes.

SANTO ANTONIO DE LISBOA

AS GRUTAS DE SANTO ANTONIO EM BRIVE

Quem não conhece a historia dos milagres do thaumaturgo portuguez, que tem percorrido e sido a admiração de tantas gerações?

Quem, na adolescencia não queimou algumas bombas ou estallinhos em honra do santo milagroso?

Qual a menina solteira que, ao meio dia de 13 de junho, não deitou o seu cravinho á rua para saber se casa, ou se morre solteira, e qual o pacato transeunte que ainda não foi mimoseado com um bochechinho d'agua aquecida na doce esperança de chamar-se o noivo Carlos, Julio ou Alfredo?!

É do causador de tantas incertezas, que só n'esse dia accordam, que faz as mamãs e os papás gastar uns vintens em alcachofras, bichas, estallinhos, cravos, ovos, todos os pertences emfim necessarios a todas as tradicionaes experiencias, — que vamos falar.

Nascido em Lisboa em 1195 * onde actualmente se acha edificado o templo que se venera sob a invocação de Santo Antonio de Lisboa, morreu em Padua (Italia) a 13 de junho de 1231.

Foi um dos mais devotados cooperadores de S. Francisco d'Assis, no tempo da instituição da ordem dos Franciscanos, fundada em 1226, entrando por esse tempo para o convento de Brive d'onde Custode de Limousin foi o primeiro superior. A causa da sua predilecção por esta communidade era a visinhança de grutas pouco distantes da cidade onde se isolava para orar e penitenciar-se, grutas estas denominadas de Santo Antonio.

Decorridos alguns annos começaram a affluir os fieis, os curiosos de diversos paizes e, nem só as peregrinações que se dirigem a Rocamadour e a Lourdes, em Brive fazem estação, mas tambem peregrinações especiaes áquelle logar santo, em que avultam as vindas da Belgica e da Alsacia.

A dez ou doze minutos da estação do caminho de ferro, no fundo d'um pittoresco valle, avista-se o portal que dá accesso a um largo e sombreado arruamento limitado á direita por grandes edificios, uns de construcção moderna, outros de apparencia secular.

Servem esses edificios de asylo ou albergaria aos irmãos Franciscanos que dirigem um orphelinato, havendo tambem um hotel para os peregrinos.

Na extremidade esquerda d'essas construcções, apparece a correnteza de grutas, cavidades de abertura horisontal, talhadas pela natureza, no sopé de uma grande rocha, no cimo da qual se eleva o convento dos Franciscanos, a egreja e o calvario.

A primeira gruta, dedicada a S. Francisco d'Assis, é a melhor e mais vasta. As tres seguintes que n'outro tempo não deveriam formar mais que uma, como o indica as duas aberturas que se vêem á direita e á esquerda da gruta central, e que deveriam ser ligadas pela direcção egual que exteriormente têm, correspondem áquella em que, segundo os historiadores, Santo Antonio foi illuminado pela apparição da Virgem.

N'esta gruta uma imagem da Senhora do Bom Soccorro, — obra ingenuamente talhada, — figurou durante alguns seculos, mas como as intempéries a que estava exposta a ameaçavam de destruição, transportaram-n'a para o novo sanctuario substituindo-a por um grupo symbolico, em commemoração do milagre da apparição da Virgem. N'um canto da gruta, a uma certa elevação, para a qual se sobe por uma escada feita posteriormente, encontra se o logar de repouso do santo.

E' uma especie de reduto em fórma de nicho com a largura precisa para receber o corpo d'um homem. Era n'essa cella improvisada que Santo Antonio repousava dormindo pouco tempo. Essa cavidade infelizmente desappareceu ha alguns annos, e em seu logar encontram-se os primeiros degraus d'uma escada praticada na propria rocha e que dá accesso a um nicho superior.

No altar d'esta gruta venera-se um antigo busto de Santo Antonio e a estatua em pedra, mutilada pelos herejes em 1565, hoje restaurada. Pela parte de traz do altar eleva-se um monumento em pedra á memoria dos martyres Franciscanos.

Na gruta visinha existe um veio de agua cahindo gotta a gotta da rocha. Santo Antonio abençoou essa agua de que elle bebia.

No largo em frente das grutas vê-se o monumento erigido em 1888 á memoria de Santo Antonio.

Por cima da rocha eleva-se o convento e o novo sanctuario.

A egreja communica com as grutas por uma abertura praticada na rocha pelos Franciscanos, que guardam aquelle logar ha sete seculos.

Veneram uma reliquia de Santo Antonio e um boccado do veo da Virgem conservado mil e tantos annos na cathedral de Chartres.

* Vide O Occidente n.º 593 vol. XVIII.

MULHERES HESPANHOLAS — UMA «MANOLA»

A nossa collecção de typos de mulheres hespanholas, que já conta alguns devéras interessantes, é hoje augmentada com um artistico esboço de J. Hovera representando uma *manola*, que, risonha e graciosamente toucada se preparou para ir *a los toros*.

Este typo feminino da Hespanha, quando comparado com tantos outros já por nós publicados offerece notaveis differenças, que as variações de terra para terra espelham suggestivamente.

Aquelles dos nossos leitores que folhear os ultimos quatro annos do Occidente, pode estudar já os seguintes typos femininos hespanhoes: costumes de Oviedo, florista de Barcelona, malague-

za, sevilhanas, aguadeira do Aragão, *chula* de Madrid, *maja*, etc., que todas apresentam curiosidade e instruem agradavelmente, pelo conhecimento não só do costume propriamente dito, o vestuario, mas até as mais subtis variantes de caracter, que sempre temos feito notar, seguindo as observações dos viajantes e criticos nacionaes e extrangeiros.

Para nós, que consideramos a ethnographia dividida em dois ramos, o actual e o passado, foi sempre interessante archivar especialmente os costumes actuaes, porque, em razão da propaganda e influencia da moda, que tanto já hoje se estende, generalisando ridiculamente o vestuario, não tardarão em desapparecer essas distincções de trajo tão pittorescas.

A *manola* distingue-se pelo seu desenfado e vestuario, pertence á camada inferior da população, mas não lhe faltam graças e attractivos.

O grande Espronceda dizia d'ella:

> ... *es á un tiempo la manola airosa,*
> *gachona y blanda como altiva y fiera.*

Nas touradas lá a vereis no *sol*, de que é a *aficionada* por excellencia, animando com o seu sorriso o toureiro, e com a sua natural espirituosidade os circumstantes.

MEMÓRIAS LITERÁRIAS

JOÃO PEREIRA DA COSTA LIMA

(Continuado do n.º 735)

D'ahi a pouco, estava o cadaver do passarito amortalhado, metido em caixão aberto, engrinaldado de flôres, pôsto numas andas, que quatro homens deviam conduzir; e o quarto armado em camara ardente.

Depois disto o Lima saiu ao jardim, que mediu cabisbaixo e a passos lentos, com ar trágico, subiu a um poial, e bateu palmas. Tôda a gente se convenceu dêsde logo que êlle ia exhibir uma das suas graças, e fez-se um absoluto silencio.

O oradôr, engasgado da comoção e friccionando a glote com a ponta dos dêdos, e tregeitando muito, começou por dizêr que assim como caía uma nódoa no pano mais alvo, no esplendôr d'aquela festa, como raio olímpico, estrondeara um desgôsto; contou a morte infausta de um célebre cantôr, por quem a arte estava de luto, fêz-lhe a apologia, e narrou lhe a morte angustiosa, limpando o suor e as lágrimas; convidou tôda aquela distincta assembléa pâra acompanhar o entêrro de tão ilustríssima personagem, a que se dariam as honras de um culto, embora êlle, o peregrino cantôr, fôsse pagão de origem.

A' vista da câmara ardente e dos *gatos pingados*, conductôres do esquife, generalisou-se uma estrondosa gargalhada, e o préstito começou a organisar-se sôb as ordens da panegirista, que envergara uma serapilheira em ar de dalmática e empunhava o hissope, uma piassava ou brocha de pedreiro, cujo balde, um alcatruz, Mello Junior conduzia como caldeirinha.

A música tomou lugar á frente, desempenhando uma marcha fúnebre, nada mais nem menos que a do Chopin; era seguida pelos pendões e êstes pelo esquife, cercado de carpideiras, pelos celebrantes e por duas longas filas de convidados de ambos os sexos e de tôdas as edades empunhando brandões, que fornecera o próximo canavial; e lá marchou aquêle luzido acompanhamento, quinta fóra, até ao sítio sepulcral, onde, á beira da cova, houve as necessárias ceremonias, responsos e discursos, com pasmo da vizinhança longinqua, que se debruçava das janellas, varandas e muros, não comprehendendo nada do que via.

Pâra amostra basta o que fica dito, por onde se pode ajuizar das faculdades creadôras e repentistas dêsse homem, que começámos a apreciar devidamente nas lendárias palestras do escritório de Mattos Moreira, especie de areopago, onde se escrevêram e planearam muitas literatices, onde soaram, atravez de muitos annos, berratas de controversia e conversas multiformes de vários homens afamados, dêsde Camillo Castello Branco, Teixeira de Vasconcellos e outros até muitos indivíduos de mérito e sabêr; os quaes rarearam e fugiram, uns pâra o rude amanho da vida e tantos! pâra o sorvedoiro da morte.

Cabe-nos tambem o nosso quinhão de saudades de um certo tempo, alí decorrido, e em especial d'aquêle, em que o espírito de Costa Lima florejava ainda, fomentando horas de alegre, risonho e inofensivo passatempo.

VI

Uma noite, estavamos em comêço de 1885, esperou-nos êlle á porta do estabelecimento do Moreira, e, apartando se comnôsco até ao meio do Rocio, disse-nos que ia fazêr-nos uma comunicação; e, a passear e a falar, foi nos recitando os versos de uma sátira formidavel, que nos espantou.

— Isso é seu? — perguntámos abruptamente.

— E' — respondeu-nos com certa timídêz. — E como a coisa promete ir muito longe, queria ouvir a sua opinião, a vêr se dêvo continuar. Pretendo dar uma sova rimada nêstes patifes, os ruminantes bípedes do paiz, já que não posso dar-lhes com um pau; e vae d'ahi ..

E continuou a dizêr versos de uma larga feitura e acentuação especial, um contraste perfeito do pouco, que dêlle conheciamos, rimas cáusticas e mordazes, que d'ahi a dias lhe faziamos repetir a outrem, que lh'as louvou, como nós lh'as tinhamos louvado e encarecido.

Ao sabêr que se tratava de um poema, os amigos de Costa Lima, conhecendo-lhe a tibiêza e a volubilidade, se lhe impuzeram no ânimo, cabendo-nos, e d'isso nos honramos e prezamos, uma grande parte do encorajamento, que êlle têve pâra levar a bom fim a obra principal do seu engênho.

D'ahi a mêzes, em edição luxuosa, muito salpicada de bôas e numerosas ilustrações de Bordallo Pinheiro, era publicada pela livraria Tavares Cardoso A LUSA BAMBOCHATA *poema triste em verso alegre — por* JOANICO MILA, semi-pseudónimo, em que Costa Lima, ao assignar o seu livro, como alma, que tantas vêzes se virava pâra as reminiscencias da meninice, se recordou, prestando-lhe homenagem, da terra do seu nascimento, inscrevendo alí o nome, que lá lhe deram na infancia, e ocultando-se ao mêsmo tempo no anagrama do seu último apelido.

Bem dissera êlle noutra parte:

> Como paga dêste anceio,
> Só te peço, ó chão da Feira,
> Sete palmos do teu seio,
> Na minha hora derradeira.

Ao assignar-se o simples *Joanico*, o Joanico da Florinda, consagrava êlle as glórias da sua obra capital, se algumas auferisse, aos saudosos lugares do seu bêrço.

— Ora, como diabo é que você deu por isso? — disse-nos um dia. — E olhe que foi o único, que me adivinhou o pensamento, creia.

E disfarçou, mudando o rumo á conversa.

Vejâmos agora o poema.

Compõe-se êste de 7 cantos muito eivados de títulos e subtítulos, divisões e subdivisões, que lhe mesclam o conjuncto, afeiando-lh'o, e prejudicando-lh'o á primeira vista.

Na distribuição dos materiaes pois o autôr fêz obra só por si, e deu impropriamente o carácter de uma coleção de composições soltas ao que é rigorosamente um poema, dividido em cantos.

Dedicado a todos os *Filoxeras politicos da Parvonia*, descreve êlle uma sátira violenta, em que o autôr se converteu em Cabrião atlético do estadista Fontes.

Antonio, o *caro*, é o protagonista, cercado sempre de três entidades nefastas, o *Voto*, o *Empenho* e a *Propina*, bases do seu podêr. Mefistófeles e o autôr elevam-se aos ares num balão, e de lá observam o estado do paiz.

Reunindo Antonio os seus satélites e outras muitas entidades, occorre uma grande orgia, a bordo da nau do Estado, um infernal pendemónium, a que o velho e esfarrapado Portugal não é chamado a assistir.

Antonio enche demasiadamente o bandulho, sente naúseas, visões, remorsos, e adoece, tendo por último um sonho, onde se desenrola a situação de tôdos os negócios públicos, açambarcados pela trindade Empenho, Propina e Voto e figurantes anexos.

Continuando a sonhar, Antonio é prêso pelo pôvo, e metido entre os faquistas do Limoeiro; assusta-se por isso, e pede ao directôr larga *rusga*, que o tranquilise; põe-se depois a fazêr reflexões sentado na tripeça do falido paiz, e desfaz-se em recriminações tardias.

Marca-se o dia do julgamento, e é levado ao tribunal entre janísaros, que lhe mofam do podêr, do sceptro e da corôa de papelão. É interrogado largamente; e as testemunhas contrárias, que são a Agricultura, a Escola, a Industria e um veterano do Mindêlo, tecem lhe fulminantes acusações, a que se opõe a defêsa composta dos *ruminantes* do Estado, onde especialmente figura a sobredíta trindade, ou trempe como o autôr diz melhor.

Propostos os quesitos, o juri absolve o acusado, que o presidente do tribunal exhorta, aconselhando-o a que se arrependa dos seus pecados.

Segue se a justiça do pôvo, que não concorda com a sentença. A saída da audiencia, uma turbamulta carnavalêsca, com o José Augusto a sermonar á frente, pega no Antonio, leva-o em charola, e condemna-o ao castigo de um cento de injeções de sulfurêto de carbonio, deitados os calções abaixo, e a sofrêr a tiragem dos dentes postiços pâra que o tesouro fique aliviado.

Ao parecêr-lhe que sente o esguicho seringatório nas regiões abdominaes, Antonio acorda do tremendo pesadêlo, e dá parabens á fortuna, que continúa próspera.

Tal é o assumpto do poêma, tão curiôso como vasto, tão variado como engenhôso, pois que, concretando muitos pontos de administração pública, põe um toque frisante e vehemente nas chagas e vícios principaes, que a tôdos nos afligem, atacando o ponto principal da nossa ruina a política eleitoral e partidária, a que se pode chamar uma agremiação de conventículos.

Têve o autôr o fôlego imprescindivel pâra tão larga caminhada? não fraquejou nas diversas subidas?

Fraquejou bastante; o que não é de estranhar, atenta a naturêza da sua compleição e a larguêza do primeiro livro, que escrevia em verso de variada contextura.

Entretanto encontram-se alí frases de uma propriedade insubstituivel, páginas de incontestavel valôr e muitos versos, que Xavier de Novaes e até o próprio Bocage, em ajuste de contas com os seus adversários, não se dedignariam de assignar.

Costa Lima, demais a mais, fôi sincero na sua indignação de bom patriota; e disso previne o leitôr, ao erguêr-se o pano do scenário, que vae expôr-lhe:

> Não faço exploração de escandalos funestos,
> Nem fôgo de guerrilha aos homens bons e honestos.
> Não venho furibundo, em verso escandecente,
> Os peitos inflamar de um pôvo paciente.
> ....
> Politico não sou. Que Deus seja louvado!
> Não tenho por industria officio tão gabado,
> Que, á parte o que se presa, é bom para quem sonha
> Na glória do intestino, ao preço da vergonha.
> ....

Vejamos algo pâra dentro desta portada, uma amostra, que venha corroborar as nossas asserções.

Falando de Antonio, diz o primeiro canto, que é muito provavel que

> A patria agradecida erga ao grande galfarro,
> Uma estatua de gêsso em pedestal de barro,
> E em letra garrafal, bem gôrdo, este letreiro:
> — Os filhos da Parvónia ao mestre financeiro,
> Moderno exploradôr, de argucia papafina,
> Que poz o pae na espinha e os manos á divina.

A sedução pelo dinheiro, a deusa corruptôra dos patifes, é assim pintada:

> Não vês aquella dama, em trajes insolentes,
> Seguida, logo atraz, de immensos pretendentes,
> A bolsa sempre aberta, a mão sempre estendida,
> Portuguêza a valêr, frêsca, bella, garrida,
> Com lábios côr de rosa e a voz pura, argentina,
> Sonora do metal. . vês? chama se a PROPINA!
> Propina, a bella dama, a fada seductôra
> Rainha da belléza, a deusa encantadôra!
> Quando meiga e sorrindo, em alguem põe a vista,
> Adeus, justiça e lei! não ha quem lhe resista!

Passêmos ao *Empênho*:

> Agora mais alem... Vês um homem sisudo,
> Vestido com decencia, um tanto barrigudo,
> De fita á tiracól, commendas a brilhar,
> Direito como um fuso, ou taco de bilhar,
> Falar pausadamente á súcia, que o rodeia,
> Mexendo no berloque apenso da cadeia,
> Com ar aristocrata e *pose* de empreitada,
> Sorrindo por disfarce ao som de uma pitada?
> Chama-se o D. EMPENHO, o tipo verdadeiro
> De quem já fôi ministro e agora é conselheiro.
> ....
> Propina *mais* Empenho *egual* á coisa feita:
> Não ha neste torrão ninguem que o não respeite;
> Do luso machinismo *Elle* é mola, *Ella* azeite.

Vejâmos o melhor membro da trindade augusta, que acompanha o velho Portugal:

> Passemos ao terceiro, aquêlle outro burguez
> De um tôdo espertalhão, que junto delle vês,
> Oh! êsse... é mais! é tudo! o grande potentado
> Que faz de um badameco um par, um deputado;

SANTO ANTONIO DE LISBOA

CALVARIO EM BRIVE

E quando está de veia agarra um boticário
E fal-o, sem c'rimonia, um alto funcionario.
Amigo do vadio e protectôr da pandega
Faz do Estado uma creche e um asilo da alfandega.
Faz tudo quanto quer, quer tudo quanto faz;
Na furia do querer, crê tu que elle é capaz,
Sem licença da carta ou permissão de alguem.
Da pasta dar da guerra ao Jayme de Belem.
Pois êsse... meu amigo, êsse... chama-se o Voto,
Que tem sido e será peor que um terremoto.
Por onde quer que passa arraza, e faz caliça...
De casas? Não... da lei, da honra e da justiça.

A orgia a bordo da nau do Estado consta do segundo canto, o melhor e mais opulento do poema. Alguns versos:

Lá dentro a mêsa posta, em roda a Bambochata,
Dando vivas ao *pôrto* e aos petiscos do Matta.
São parte do festim, que abrange tôda a sala,
Antonio, tôda a côrte e a Trempe em grande gala.
Antonio, á cabeceira, as honras faz da mêsa,
Em frente da Propina e ao centro da nobrêza.
O Voto e o D. Empenho occupam dos dôis lados
Lugares de etiquêta, aos *trunfos* consagrados.

A festa é deslumbrante e o luxo de espantar,
Não visto nos festins de Nero ou Balthazar.
Os bronzes, os cristaes, veludos e alcatifas
Metêram num chinelo Alhambras e Califas.

....

Não falta ali ninguem. Nenhum representante
Da fauna parasita e classe ruminante
Deixou de compar'cer. Nos bródios das finanças
São provas ao concurso os dentes mais as panças.

Nunca a bordo da nau se viu tanto *Bazôrra*
Nunca tanto glutão comendo á tripa fôrra.
Algum já na poltrona impando se recesta,
Repleto como um ôdre, a cara descomposta,
O olhar incerto e vago, a beiça gordurenta
E a calça a rebentar; deitando pela venta
Brumosas espiraes de alcoolica fumaça,
Como d'um alambique, ao destilar cachaça.

E assim por diante, vae a musa brejeira do poeta, como que brandindo o gládio da vindicta, ululando epicamente, trovejando e espargindo torrentes de ridiculo sôbre as figuras, que desenha.

E por aqui ficaremos nas citações, porque nos não sobra espaço, e porque o livro corre impresso e á mercê de tôda a gente.

O jornalismo pouco se occupou da obra.

Não admira a quem conhece a defeituosa engrenagem dêsse vehiculo da notoriedade pública.

Uma grande parte da imprensa, assoldadada a interesses pessoaes e partidários, têve mêdo de desgostar os patrões, e outra, vendo na assignatura do autôr um pseudónimo desconhecido, e não tendo que adular um amigalhaço ou um nome festejado, não fêz caso da publicação; uma não logrou tempo pâra lêr, e est'outra não soube digerir o que leu.

É o costume: não havia que estranhar. Entretanto o autôr, que num adiantado periodo da sua vida, revelava tão fortemente a especialidade do seu estro, até alí mal prevista, recebia aplausos de muita gente, e era particularmente felicitado nos serões do Rocio.

* * *

Numa das noites de reunião, Mattos Moreira comunicou-nos que fôra incumbido por Francisco Palha de propôr contracto a Costa Lima pâra que êste fôsse desempenhar no teatro da Trindade o dificil papel de Gaspar nos *Sinos de Corneville*, de que Palha desejava fazêr larga repetição.

MONUMENTO A SANTO ANTONIO, EM BRIVE

Estava ainda na frêsca lembrança de tôdos a maneira correcta e brilhante como o actôr Ribeiro, recentemente falecido, executava tão escabrôso papel.

Entretanto o habilíssimo ôlho do emprezario da *Trindade*, que annos antes fôra de propósito ao Principe Real admirar a aptidão natural de Costa Lima, nas duas récitas de curiosos, onde se representara aquela peça, dão achava, entre tantos actôres do género, quem podesse egualar o amadôr, que mandara convidar.

Etse facto é o aferidôr, certo dos méritos teatraes de Costa Lima, porque o Gaspar da Operêta nas scênas do castello, é um papel altamente dramático e de singular dificuldade.

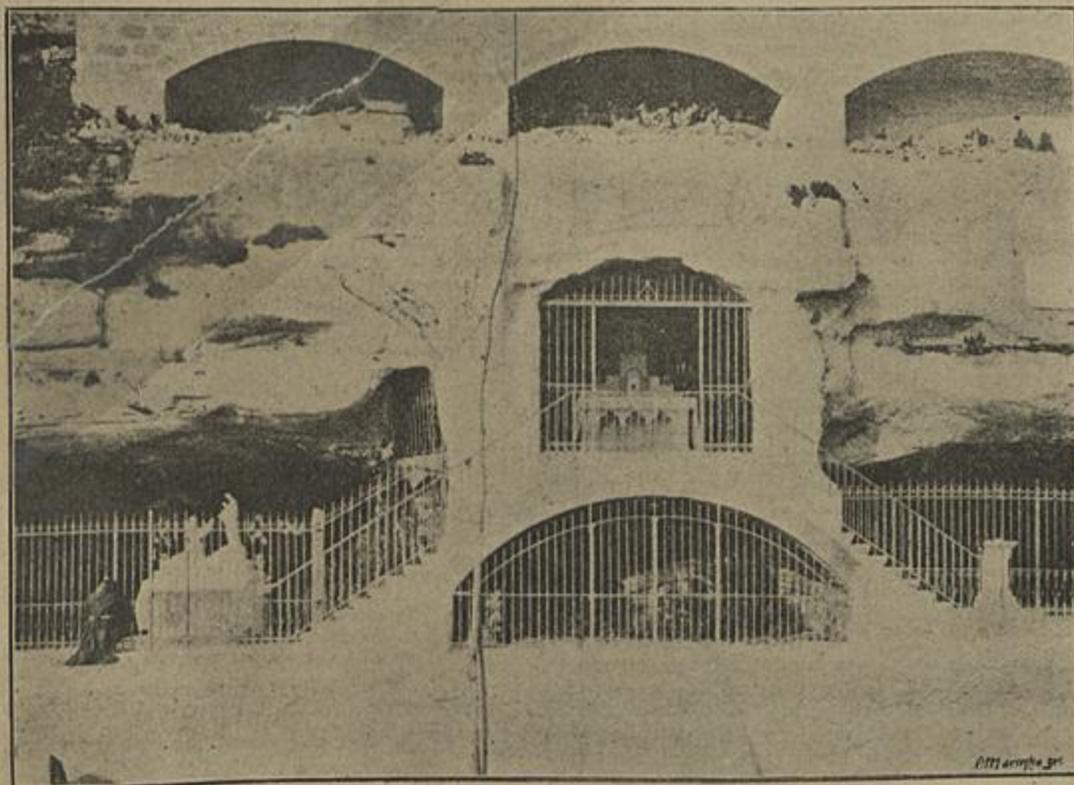
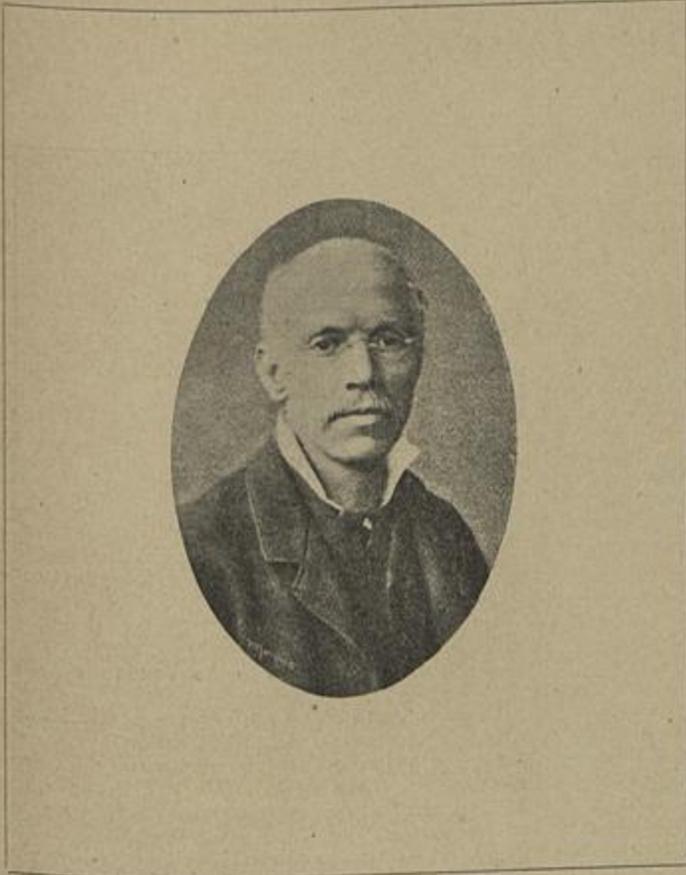
Confessando-se cansado pâra taes cometimentos, no que os seus amigos concordaram sem lh'o dizêr, Costa Lima comtudo, sempre com os olhos no futuro, e não tendo de ha muito arranjado modo de vida, aceitou o partido, que lhe ofertavam, com o ordenado de 30$000 réis mensaes. Era a primeira vêz, que tal acontecia, porque no decorrêr de tôda a sua vida, tendo representado em teatros públicos e em associações particulares, mais do que qualquer actôr de profissão, nunca aceitara escriptura ou contracto em parte nenhuma, dizendo, segundo o seu temperamento, que queria sempre estar apto a acordar de manhã num polo, e a transferir-se á noite pâra o outro, se bem lhe aprouvesse.

Era esta a sua afirmação.

Um tanto receiosos do êxito, nós e outros amigos fomos á Trindade assistir á estrêa, como era natural, e tivémos a satisfação de o vêr trabalhar excelentemente na parte falada, e de tomar quinhão nos aplausos geraes, com que fôi premiado.

Era um rejuvenescimento.

Não ficou isso sem um cómico episódio, que d'ahi por diante nos serviu de gracêjo trocista contra Costa Lima nos tiroteios amigaveis dos serões do Rocio, e que precisamos apontar pâra inteligencia completa de uma correspondencia, que ha de a seu tempo seguir se.

Quando o Gaspar, aflicto e desalentado, vem cair numa cadeira, depois da scêna torturante do dinheiro, vimos que Costa Lima se desconcertara um pouco, circumvagando a vista pelo tablado, como que á procura de qualquer coisa.

GRUTAS DE SANTO ANTONIO EM BRIVE

JOÃO PEREIRA DA COSTA LIMA

(Vid. artigo «Memorias Litterarias»)

E insistia e tornava a olhar, numa atitude, que não era do papel, até que, na ocasião, em que os camponezes o cercaram, já socegado, póde abaixar-se rapidamente, e apanhar do chão o que quer que era... nada mais nem menos do que... um dente postiço, que lhe caira no calôr da peroração.

Costa Lima, nas primeiras palestras, têve que suportar uma forte saraivada de dichotes, com que era atacado, ameaçando punir-nos a dente, se a campanha proseguisse, e rindo muito comnôsco.

Do que êlle, havia tempos se não ria muito era de um certo modo de salivar, com que numa noite alguem se lembrou de lhe desconcertar uma berrata politica, em que êlle, sem sêr politico, no seu direito de patriota, apreciava o Fontes, chamando ruminantes insaciaveis a tôdos os que postejavam e enguliam as receitas dos contribuintes.

D'ahi por diante, quando algum de nós queria desorientar o Lima, em qualquer arenga mais comprida, ou simplesmente desafiar-lhe as *iras*, puxava do lenço, e pigarrava com certo estridôr.

Era remedio eficaz. O oradôr enterrava os dêdos na tabaqueira do dono da casa, embrulhava um cigarro com certa voluptuosidade, e reagia em frase apimentada, que era o que se pretendia.

(Continúa) *Sanches de Frias.*

LOUIS PASTEUR

Este nome pertenceu a um homem de bem na mais rigorosa accepção da palavra e á individualidade mais intemerata na pujança scientifica que o seculo XIX tenha produzido.

Cabe applicar a seu respeito a phrase de Poincaré. por occasião da sua morte: «é a força d'uma imaginação creadora combinada ao mais rigoroso methodo experimental.»

Filho de paes pobres e adeptos da doutrina da Cruz, Pasteur viu a luz da existencia em Dôle, no Jura, aos 27 dias do mez de dezembro de 1822, vindo a fallecer em Garches no dia 28 de setembro de 1895.

Ditosa França! é justo que haja orgulho sincero em todos os corações que ahi palpitam, por teres sido a patria do immortal benemerito! nenhuma pagina da tua historia brilhante mostra nome que offusque no lustre eterno as syllabas que constituem estas duas palavras Louis Pasteur!

A sua biographia traçou-a com mão de mestre, J. Cornély, nos seguintes periodos de puro francez: «Nous sommes pour ainsi dire tous enveloppés de l'influence salutaire de cet homme admirable, depuis le berceau jusqu'à la tombe; depuis l'enfant qui boit dans son biberon du lait stérilisé, jusqu au vieillard dont une cirurgie devenue presque inoffensive, grâce à lui, prolonge parfois la vie.

C'est par millions qu'on pourrait compter les êtres humains que les méthodes hygiéniques et antiseptiques, filles de son cerveau, ont arrachés à la mort.

C'est par milliards qu'on pourrait nombrer les animaux qui nous donnent leur travail, leur chair, et qu'il a arrachés à des épidémies réputées inguérissables. Tout nous rappelle Pasteur, depuis la soie de nos vêtements jusqu'au verre de vin ou de bière que nous buvons. Et de même qu'il a, en quelque sorte, régénéré la cirurgie, arraché au trépas des milliers de femmes qui vont être mères, en détruisant la fièvre puerpérale, il a lancé la science sur une sorte de voie triomphale, dont l'imagination, éblouie, ne peut encore parcourir l'interminable ruban; par sa théorie des vaccins qui a pris corps à corps la rage, le choléra, qui hier s'attaquait au croup, qui demain s'attaquera à la phtisie et qui arrivera peut-être á débarrasser l'homme de toutes les maladies qu'il ne doit pas à ses imprudences ou à ses vices.

Pasteur a donc été un grand enrichisseur, un grand bienfaiteur des corps.»

Não podia eu certamente, fazer melhor no sentido de tornar mais uma vez evidente a figura moral de Pasteur, do que transcrevendo o quadro scintillante de verdade com que Cornely quiz prestar homenagem de veneração á memoria do sabio que demonstrou de modo mathematico quanto é inane e destituida de fundamento a affirmativa de que ha gerações espontaneas.

Convêm não olvidar esta bella e formosissima passagem do seu discurso de recepção na Academia franceza, pronunciado em 27 d'abril de 1882: «La grandeur des actions humaines se mesure à l'inspiration qui les fait naitre. Heureux celui qui porte en soi un Dieu, un idéal de beauté et qui lui obéit; idéal de l'art, idéal de la science, idéal de la patrie, idéal des vertus de l'Evangile. Ce sont là les sources vives des grandes pensées et des grandes actions. Toutes s'éclairent des reflets de l'Infini.»

Transluz n'estas poucas expressões a fina delicadeza d'uma alma eleita, que nem se deixa deslumbrar por orgulho insensato nem póde mentir á sua consciencia integerrima.

O amor de saber e a vontade de ser util ao seu paiz e á humanidade absorveram por completo a vida terrena do insigne Pasteur, em cujo espirito reinava pleno de intensidade o sentimento grave e respeitoso da existencia de Deus e a virtude excelsa da fé catholica.

«Quand on a bien étudié, affirmava elle, on revient à la foi du paysan breton, et si j'avais étudié plus encore, j'aurais la foi de la paysanne bretonne.»

Nunca entibiou na religiosidade, verificando-se na sua pessoa, ja agora inconfundivel no registo dos que fôram e de recordação perduravel na corrente das gerações, o asserto justissimo d'aquelle formoso conceito, assim concebido: «A meia sciencia afasta de Deus e a muita approxima.»

Os primeiros trabalhos de Pasteur consistiram no estudo dos corpos crystallizados, e, adquirindo sempre novos conhecimentos e continuando a desenvolver as suas poderosas faculdades, chegou a formular leis biologicas de importancia capital. Transitando para o exame e analyse das doenças do mundo animal, ácêrca das quaes a bagagem scientifica da pathologia e da therapeutica quasi se resumia a meras conjecturas, elle logrou elevar-se victorioso na debellação de causas morbidas, desde as gallinhas e o bicho de seda até ao homem.

MONUMENTO A LOUIS PASTEUR,
INAUGURADO EM LILLE NO DIA 9 DE ABRIL DE 1899

(Vid. artigo «Louis Pasteur»)

A angina-membranosa da larynge e a raiva, fôram emfim submettidas pela intelligencia lucidissima de Louis Pasteur, typo genuino de dedicação maxima no sublime esforço de arrancar á Natureza, occultos segredos que o habilitassem a destruir males que affligem tanto!

É esta com certeza a gloria nitente e purissima que é possivel attingir sobre a terra: são taes titulos de nobreza que honram o justo e lhe transformam o estertor do passamento no prenuncio da alvorada de bençãos que aguarda no Empyreo a substancia espiritual que a Deus vae.

Distancia enormissima põe barreira insuperavel entre um Louis Pasteur e a grandeza historica dos vultos celebres que se chamaram Annibal e Alexandre, Cesar e Napoleão: avançaram estes para o sepulchro no meio d'um côro de lamentos misturados com imprecações, abrindo caminho que as suas proprias espadas fincavam em sangue de victimas inermes, pisando ruinas irreparaveis, torturados de ambição; sobre o pedestal que a gratidão ha pouco levantou em Lille, vê-se a estatua d'um bom, admira-se impressa pela mão habil do artista a physionomia serena d'um conquistador de vidas para o genero humano, o rosto intemerato de Louis Pasteur! No mez de abril do anno corrente, teve logar n'aquella cidade franceza a inauguração solemne do monumento que fará comprehender nas idades futuras á gente de Lille e aos forasteiros que lá fôrem, quanto póde o reconhecimento legitimo d'um povo á memoria immaculada d'um heroe, na lida incansavel de investigação generosa em proveito da familia humana.

Pasteur professou até á ultima hora da sua carreira as verdades da religião catholica: os seus funeraes realisaram-se em Notre-Dame, e os seus restos dormem no instituto do seu nome, na rua Dutot, em Paris, velados pela cruz.

Sympathica figura de trabalhor honesto e proficuo na tela da existencia dos seres racionaes! luctador triumphante contra as cohortes parasitarias de animalculos microscopicos que nos invadem e damnificam mortalmente o organismo! creatura veneranda nos fastos da sciencia e na consagração perenne da humanidade! tu não passarás com o tempo nem ainda com descobertas de novos antidotos que venham revolucionar a tua obra ingente; o teu nome permanecerá intacto e radiante n'uma aureola de luz como pedra fundamental d'um edificio de magestosa imponencia, cujo elogio ninguem olvida nem contesta.

O seculo XIX contou no numero das suas glorias irrecusaveis, a ventura suprêma de haver então honrado o mundo com a tua presença, e até Deus, concedendo-te capacidade intellectual tão vasta e intuição admiravel de tantissima utilidade nos assombrosos resultados praticos, provou bem que nunca esqueceu as miserias e os soffrimentos das suas creaturas.

Milhões d'homens sabem hoje em toda a superficie do planeta, que a morada onde estão contidas as cinzas inanimadas de Louis Pasteur, significa perante a Historia o repouso d'uma reliquia e é o signal representativo d'uma apo-theose

Não possue a lingua humana, nem ha no laboratorio da natureza, palavras e tinctas que traduzam no relêvo proprio todos os quilates de merecimento psychico e todos os dotes de pacien-cia no esforço eminentemente caracteristico e singular, que fizeram de Louis Pasteur uma personalidade authentica de valor intrinseco inexcedivel.

Desde que entrou no lyceu até assumir a direcção da Escóla normal, desde que occupou uma cadeira de mestre na Sorbonna até ao momento final em que a morte lhe cerrou as palpebras, as suas plantas tacaram sempre o solo rasgando estradas de confôrto social e apontando nas estações de paragem o orvalho de allivios á humanidade enferma.

Este homem verdadeiramente grande, que ao baixar ao tumulo commoveu a França e agitou o mundo culto, este ente de primorosa excellencia e de probidade inconcussa no theatro da vida, não se deixou jámais seduzir pelos ouropeis da politica dirigente, preferindo antes o seu avental humilde no recolhimento das suas observações e arduas experiencias, que nunca alimentaram intrigas nem redundaram em lagrimas, mas se converteram em hymnos festivos annunciando á infancia uma cura maravilhosa e interpondo-se com auctoridade ás manifestações da raiva.

Vou terminar, traduzindo o bello pensamento de Cornely: «O seu laboratorio foi para o mundo um foco d'onde irradiavam as luzes scientificas. Do seu esquife sairão ainda ondas luminosas que hão de descer ás consciencias. Por este titulo duplo, a sua memoria será abençoada.»

D. Francisco de Noronha.

LIVRO DAS QUE SOUBERAM AMAR

PELA

PRINCEZA * * *

COMMENTADO POR

Arsène Houssaye

—

LIVRO III

V

O SACRIFICIO

Não tinham de acabar as loucuras de Violante. Quando tudo estava decidido para o casamento, desappareceu de Veneza, tal qual como desapparecêra de Paris, sem palavra que pudesse indicar-lhe o rasto. Porque partira? Aonde fôra? A rendeira, que tudo me contou, adivinhou que ella fugira para não casar com Antonio O sacrificio era superior ás forças d'ella. Embora esse homem fosse um excellente coração, embora o primeiro namorado a amasse ainda com toda a força de um vivo e profundo amor, não podia ella resignar-se a ser sua mulher e conviver com elle a cada hora. A mulher sobe e nunca desce. Não falo aqui de certas quedas, quando ella obedece á paixão.

Violante estimava muito Antonio, gostava d'elle com uma amisade fraterna; mas queria gostar d'elle de longe. Acabava por confessar que, até no tempo em que só elle conhecia, não teria sido feliz desposando-o. Era d'outra raça, sentia-se mais do que nunca, bisneta dos Foscaris. Muito embora houvesse passado a primeira mocidade no trabalho e na servidão, nada pudera fazer mossa n'aquelle caracter d'aço Nascêra para dominar. Dizia muita vez á rendeira: «Sabe? Quero um palacio ou a minha montanha. Não ha meio termo para mim. Quando estava na minha montanha respirava o ar vivo e só sentia o céo acima de mim. Quando estava no palacio Riminio nunca me lembrava de que não era a dona da casa. Embora ás ordens do meu tio, era eu quem em todos mandava até nos retratos da familia pendurados na galeria».

Ora aqui está porque ella partira, quando já os sinos de Santa Maria dos Milagres tocavam para a missa do casamento. Por muito que ante Deus se houvesse querido humilhar, revoltára-se a altiva natureza, e ella fugira, prompta para tudo, até para morrer, só não para casar-se.

Aonde fôra?

Antonio, meio louco de dôr, não duvidava de que ella se deitára ao mar.

Percorreu toda Veneza, tudo interrogando com palavras e olhares Nos dias seguintes, cahiu n'um desespero sombrio, não comendo, nem dormindo, nem falando. Commovido com tal desespero, o mercador de curiosidades salvou-o ainda uma vez do suicidio, afagando-lhe a idéa de que Violante não houvesse tentado contra a vida e de que uma bella manhã tornaria a apparecer-lhe.

A rendeira suppunha que talvez pela segunda vez ella se houvesse submettido ás seducções d'algum estrangeiro. Justamente, na vespera, um fidalgo hespanhol, que se dizia primo do Duque de Modena, viera a casa do marido comprar-lhe um tryptico e tinha conversado muito com Violante, maravilhado dos conhecimentos d'esta sobre pintura primitiva. Falava com todo o coração, como se n'aquillo nascêra. Ora quem sabe se o hespanhol, que mais apaixonado parecia pela rapariga do que pelas figurinhas do tryptico, não lhe haveria proposto, não propriamente compral-a tambem, mas o favor de o acompanhar em sua viagem pelas outras cidades de Italia?

Era tão extraordinaria mulher, que tudo era possivel, quando se tratava de Violante.

Foi sómente, depois de passados quatro dias, que a rendeira recebeu de Violante uma carta com o carimbo de Padua. Mostrou-m'a, dizendo-me: «Eis as ultimas novas.» Com os olhos devorei aquellas poucas linhas.

Minha querida fadasinha

Não me procures nem me esperes; consola o Antonio, dize-lhe que a fatalidade arrancou-me ao meu dever. Que me não chore; não valho uma lagrima. Se alguma vez voltar a Veneza, vou-te cahir nos braços.

Tua pobre Violante.

Olhei tristemente para a rendeira.

— Eis as ultimas novas, disse-lhe. E foi a Padua, quando recebeu esta carta?

— Pudera, não havia de ir! respondeu. Fui lá com meu marido e o Antonio, esquadrinhámos tudo na cidade, desde a adega até ás aguas furtadas; procurámos por todas as egrejas, palacios e cafés. O doido do Antonio, coitado, até quiz ir ao cemiterio, como se devesse achar o nome de Violante escripto em algum tumulo novo. A dôr d'elle ia até ao comico; uivava a como um lobo e rugia-a como um leão.

Debalde interroguei ainda a rendeira; nada mais sabia dizer-me.

— Acabou-se, murmurei; bem sinto que a perdi para sempre. Fugiria com o tal hespanhol. O amor salva do amor. De resto bem preciso era que se consolasse. Tanto peior para mim, que edifiquei a minha desventura.

Comprei ao mercador de curiosidades o camapheu que com elle aprecára, embora o não quizesse para nada; mas pensava criar assim serias sympathias.

Emquanto o mercador de curiosidades fôra buscar o troco do meu ultimo bilhete de mil francos, estendi a mão á rendeira, pedindo-lhe muito que não deixasse de me escrever, logo que tivesse noticias de Violante.

Deixei-lhe um bilhete com a minha direcção em Paris e Roma, onde tencionava ir, quando sahisse de Veneza.

VI

MADEMOISELLE FLÔR DE PECEGO

O que é certo é que me não era possivel levar a vida a perseguir debalde Violante. Começava a achar-me ridiculo de tanto me obstinar em procural-a sem nunca a encontrar. Acabei por voltar a Paris, decidido a pôr ponto em tão romanescas peregrinações.

Julgáva amansar a minha dôr com esta nova viagem á Italia, mas, muito pelo contrario, mais não fizera que avival a. Quem viaja está muito comsigo mesmo, seus sonhos, ideaes e paixão. Depois, ao rever os logares, testemunhas de minhas amorosas alegrias, reabrira todas as chagas do meu peito. A um tempo sentia Violante mais proxima de mim e mais longe.

Vi que só Paris havia para o esquecimento, Paris o grande leva tudo. O Sena podia chamar-se o Styge; é, por excellencia, o rio do esquecimento. É de estremecer o que elle todos os dias arrasta, paixões vivas e mortas.

Vós, que me escutaes com uma patinha de zombaria, lindos apaixonados d'um só bairro, como os medicos da Opera ou da Comedia, confessae que deitaes todos os dias no cesto dos papeis ou na pia o que dava immensos tomos de romances.

Começava não a esquecer, mas a soffrer menos. Puzera-me a reviver a vida passada, não despresando um só máo conhecimento, demorando-me todas as noites com mulheres da moda, ideando os alicerces d'uma paixão nova para rechassar a antiga. Parecia-me estar em bom caminho; mademoiselle Flor de Pecego propozera-me fazer a minha felicidade. Tambem ella precisava esquecer.

Esses dois grandes destroços não puderam mutuamente consolar-se.

Uma noite em que mademoiselle Flor de Pecego me esperava das onze á meia noite, para conversarmos sobre philosophia transcendente, recebi um pequeno bilhete emmoldurado em preto com este epitaphio:

AQUI JAZ O TEU AMOR,
AQUI JAZ O MEU AMOR.
DUROU O QUE DURAM AS ROSAS.
REQUIESCAT IN PACE

Não acreditavam meus olhos o que viam no epitaphio, pois era a letra de Violante.

Nem mais uma palavra.

Deixei cahir no chão o bilhete olhando para o sobrescripto; o endereço era escripto por mulher, mas não por Violante. Vi pela marca do correio que a carta fôra deitada na estação postal da Magdalena.

Não se diria a mão do destino que me trouxera aquella carta no momento em que eu calçava as botas para ir a casa da Flor do Pecego?

— Violante está pois em Paris! exclamei com um grito d'amor.

Tinha calçado uma bota por causa da Flôr de Pecego, calcei a outra por causa de Violante. E entretanto, quando acabei de descer a escada, perguntei a mim mesmo:

— Aonde irei?

Se Violante estava em Paris, não era decerto n'um convento; pois, para viver com Deus, não sahiria de Italia.

Não puz mais em dúvida que ella houvesse vol-

tado com o tal hespanhol de quem a rendeira me havia falado. Como conhecia muitos hespanhoes afrancezados, fui á Opera, esperando lá encontrar algum.

Com effeito avistei n'um camarote de bocca o Duque d'Alba, que via todos os dias os recemvindos celebres por nascimento ou riqueza. Conhecia perfeitamente Violante, mas havia muito que não a tornára a vêr. Assegurou-me que nenhum hespanhol conhecido estava em Paris com a veneziana.

Oito dias depois, como tornasse a encontral-a, a Flôr de Pecego disse-me adeus com um gesto de garoto, por eu lhe ter faltado á entrevista. Abraceia-a pela cinta e disse-lhe apaixonadamente que me enganára na porta, mas que tinha d'isso a maior pena.

— Não ha peccado sem perdão, disse ella, e perdôo-te, se me levares a jantar ao Pavilhão Henrique IV.

Foi n'um dos ultimos dias de sol bonito da estação. O céo convidava para o amor e para a ociosidade, tal qual os dias de chuva convidam para o trabalho e a salvação. Decidi ir jantar a Saint-Germain, mau grado a minha fraca estima por aquella montanha feita por demais, dominada pelo castello do Tedio.

Flôr de Pecego levou-me a casa, onde mudou de vestido, e tomámos o comboio das quatro horas. Queria dar uma volta pelo bosque para crear apetite, dizia.

Até ao Vésinet tudo correu bem. Mas n'uma estação, para o compartimento onde estavamos, eis que uma mulher salta com ligeireza e vem sentar-se na nossa frente, emquanto faziamos caretas de aborrecimento, porque até então foramos sósinhos. Não vale a pena falar d'um inglez que descêra em Asnières.

Já todos adivinharam que essa mulher era Violante.

Por muita vez me achei envolvido n'uma comedia, sem por isso me commover demais; a scena não costuma acabar dramaticamente; mas, n'esse dia, confesso que senti uma pancada violenta no coração.

Flor de Pecego continuava com os seus requebros, mas eu ia como uma estatua, querendo que a rapariga fosse para casa de todos os diabos.

Logo que reconheci Violante, cumprimentei-a ligeiramente, como o haveria feito a qualquer outro passageiro que houvesse entrado na carruagem. Tambem ella começára um cumprimento, como se não soubesse quem eu era; mas, reconhecendo-me e vendo-me em tão bonita companhia, repotreou-se no angulo do compartimento e poz-se a ver que tal estava o tempo.

Percebem a minha mofina? Quizera atirar-me aos braços d'ella, falar-lhe cheio de effusão á sua alma, cahir-lhe aos joelhos para obter perdão.

Sem testemunhas tudo isso pudera fazel-o; mas como deixar estalar a minha paixão defronte de aquella doida trocista, que de tudo ria até dos proprios desgostos?

Entretanto o comboio caminhava para Saint-Germain. A um tempo me parecia demorado e rapido o seu caminhar. Chegados a Saint-Germain poderia deixar a Flor de Pecego; mas quem me assegurava que Violante não bateria outra vez as azas para por muito tempo ainda desapparecer ou não apparecer nunca mais? Todas as angustias retomaram posse da minh'alma.

(Continúa).

MEMORIAL HISTORICO E ARTISTICO

EUGENIO DOS SANTOS DE CARVALHO

Quem ha ahi que não reconheça n'este nome o do proficiente engenheiro a quem Lisboa ficou devendo o risco da sua reedificação, após o grande cataclysmo que a derruiu e a abrasou?

Pois o capitão de engenheiros Eugenio dos Santos de Carvalho, que tem a honra de ser natural da villa, sempre memoravelmente historica, de Aljubarrota, foi baptisado na freguezia de Nossa Senhora dos Prazeres, matriz d'esta villa, a 18 de março de 1711, o que quer dizer que Eugenio dos Santos tinha os seus quarenta e cinco annos, quando foi encarregado de traçar o plano da nova cidade.

O nosso engenheiro foi filho legitimo de Antonio dos Santos de Carvalho e de Francisca Maria. A sua ascendencia dá-a Cyrillo, e não seremos nós que a ponhamos em duvida.

Diz este mesmo auctor, (*Memorias*, pag. 192) que Eugenio dos Santos «morreu em 1760 *tendo de idade sessenta annos*.» Deve haver n'esta data lapso de revisão, por isso que dizendo a certidão do baptismo que elle recebera tal sacramento em 1711, e não sendo provavel que os paes o tivesse fóra do gremio da Egreja catholica por espaço de dez ou onze annos, se elle tinha 60 annos á data da sua morte, o menos que póde ser é ter fallecido em 1770 ou 1771, o maximo.

Da revisão do mal entrouxado livro de Cyrillo, entregue ao *zêlo* de Villela da Silva, é licito duvidar; o que, porém não é facil é contestar a exactidão da data no documento que aproveitámos.

Tambem póde ser que Eugenio dos Santos fallecesse, com effeito, em 1760, mas, n'este caso, com 51 annos, apenas.

G. de B.

Recebemos e agradecemos:

Historia de Goa *(Resumo) pelo padre M. J. Gabriel de Saldanha, — Com uma «Carta-prefacio» de J. A. Ismael Gracias — Bastorá — Typographia Rangel — 1898.*

Livros como o que temos presente honram sobremaneira o paiz em cuja lingua se publicam e o seu auctor. E' á *Historia de Goa*, do reverendo padre Gabriel de Saldanha, accrescem o valor do assumpto, o interesse nacional que nos deve inspirar, e a excellencia de criterio com que está tratada. Desde já, pois, enviamos d'aqui os nossos mais sinceros louvores ao illustrado professor do lyceu nacional de Nova Gôa, atrevendo-nos a indicar este seu trabalho a quantos quizerem ter uma ideia clara, concisa e perfeita, da historia de Goa.

A moderna bibliographia, embora já tão exigente, tem comtudo ainda varias deficiencias. Uma d'ellas, a que sempre n'estas nossas despretenciosas noticias das publicações recebidas temos tentado obviar, é a do motivo ou razões da elaboração da obra. E não se julgue de somenos valor essa circumstancia. Só conhecendo bem as determinantes da publicação de um livro, os fins a que visa o auctor, se podem avaliar com justiça as suas intenções, e se o preenchimento d'esses intuitos tem o correspondente e devido exito. E parece-nos, que nunca maior e mais elevado elogio se poderá render a um escriptor do que certificar-lhe que soube satisfazer a necessidade que originou o seu escripto.

Vejamos assim, copiando as proprias palavras do auctor qual a razão d'esta nova obra:

«Este livro inspira-se em modestos intuitos.

O programma da escola normal, depois que foi esta reorganisada por decreto de 31 de outubro de 1892, incluiu a historia de Goa; e não appareceu até aqui compendio algum, que se adequasse a tão necessario como proveitoso ensino.

Alguns amigos meus, notando esta falta, houveram por bem induzir-me a pôr mãos a suppril-a. Hesitando a principio á vista da inopia dos meus conhecimentos, e do pouco vagar de que posso dispôr, pensionado como estou pelos graves deveres do meu estado e pelas obrigações laboriosas do magisterio, acabei por obtemperar á insistencia de repetidos e honrosos incitamentos.

Li muito, estudei muito, consoante os recursos do nosso limitado meio litterario, — confesso-o, não para encarecer o meu trabalho, mas para accentuar a difficuldade de bem preencher o encargo. Quanto se tem escripto sobre os portuguezes na India?!

Li muito, estudei muito, repito; — por largo tempo examinei, comparei, joeirei e dynamisei, por assim dizer, a enorme massa que tive ante os meus olhos. E' eis o fructo das minhas lucubrações assiduas e cuidadosas: um resumo da historia de Goa.

Em obediencia á verdade, que é o principio dominante da historia, expuz tudo: os grandes feitos e as maculas de administração, as heroicas virtudes e os detestaveis vicios, em uma palavra, as paginas luminosas e as paginas escuras da nossa historia. E' o melhor meio de educar, disse um historiador, e este livro é consagrado principalmente á mocidade. Mais, é certo que a historia não tem, como as diversas sciencias e artes, seus cultores ou devotos singulares, — pertence a todos sem excepção, porque a todos instrúe sem reserva.

Na exposição de alguns factos, segui passo a passo: na época do dominio portuguez a *Historia de Portugal* do eminente Pinheiro Chagas, — e, na anterior, o livro sobre Goa do erudito José Nicolau da Fonseca, respigando muito em obras nacionaes e estrangeiras. Todas as auctoridades de que me servi, vão citadas nos logares competentes e n'um elencho final.»

N'um nobilissimo impulso de reconhecimento para com o nosso illustre collaborador sr. Ismael Gracias, o reverendo padre Gabriel Saldanha escreve, depois das linhas que transcrevemos, o seguinte justissimo preito de homenagem:

«O dever de gratidão manda que eu consigne, n'este logar, o mais rendido agradecimento ao meu amigo e collega sr. Ismael Gracias. Abstrahindo os subsidios que apurei nas suas importantes publicações, — os espontaneos, dedicados e animadores auxilios com que me favoreceu na elaboração d'este livro, — as duas interessantes notas finaes B e C com que me obsequiou, — e a esplendida carta-prefacio, verdadeiro monumento bibliographico-critico, com que respondeu ao pedido, que lhe dirigi para dar o seu auctorisado parecer sobre o meu trabalho: são outras tantas provas de amisade que recebi d'esse nosso, por muitos titulos, illustre compatriota, sempre generoso para com os estudiosos que recorrem ao seu vasto saber e proficuos conselhos.»

A respeito do sr. Gracias, que n'este livro publicou o lucido prefacio a que o reverendo Saldanha se refere, não serão descabidas agora umas notas interessantes da sua biographia, que ha pouco lográmos reunir, depois de noticiarmos o apparecimento do importante trabalho *Regimen tributario da India Portugueza*.

Juntamos n'esta noticia esses dados, porque foi por seu intermedio que tivemos o prazer de sermos distinguidos com o exemplar presente da *Historia de Goa*.

O erudito auctor da carta-prefacio da *Historia de Goa* possue um talento em extremo malleavel que emprega com o mesmo vigor em differentes lucubrações, sendo de correcto e terso estylo, cousa rara entre os seus patricios E' actualmente primeiro official da secretaria do Estado da India e professor de economia politica no lyceu de Goa, cargos que exerce com distincção. O governo conferiu-lhe, ha annos, a medalha de ouro de serviços relevantes no ultramar, e os altos funccionarios europeus que teem regressado de Goa fazem os maiores elogios á sua capacidade e caracter, chamando-lhe alguns a encyclopedia viva das cousas da India.

O Occidente ha dezoito annos que, com aquella sympathia que sempre dedicou aos escriptores operosos e indefessos, lhe vem registando as numerosas e importantes publicações, não lhe regateando os merecidos louvores. A Academia das Sciencias de Lisboa e o Instituto de Coimbra contam-n'o no numero dos seus socios correspondentes, prova edificante do geral apreço e consideração que todos lhe tributam. Se o sr. Ismael Gracias viesse á Europa e aqui exercesse as poderosas faculdades de trabalho de que tem dado tão brilhantes exemplos, com os seus estudos, muito teriamos a felicitar-nos por elle e pelo paiz.

Quanto ao reverendo padre Gabriel Saldanha divisamos-lhe altas qualidades que merecem ser consignadas. O seu livro é um esboço synthetico, comprehendendo os factos mais notaveis da historia de Goa desde a antiguidade até aos nossos dias. N'elle se revela uma enorme somma de trabalho e estudo applicada, pela exploração intelligente e esclarecida de variadissimas fontes, de abundantes materiaes accumulados, porque, tendo-se escripto muito sobre o assumpto, muito ha que aproveitar.

Apurar com prudencia e com verdadeira critica historica essas fontes foi o trabalho que realisou o padre Saldanha. Corresponder perfeitamente ao fim a que destinava o seu trabalho é affirmação que fazemos ao terminar esta noticia, fundados n'uma leitura demorada.

Os luso-arabes — *por Oliveira Parreira — I e II volumes. Lisboa 1898.*

Com o sub-titulo de «scenas da vida mussulmana», publicou o sr. Oliveira Parreira este seu romance historico em dois volumes, que, elegantemente encadernados em percaline azul, com perfeitos incusos a preto e verde e titulos a ouro, bello trabalho do apreciado encadernador sr. Alfredo David, tivemos o prazer de receber ha tempos.

Vivendo na pittoresca villa de Azeitão, cujo nome só por si e perpetua memoria do dominio arabe na peninsula, pois vem de *azzeitun*, olivedo, o sr. Oliveira Parreira, e comprehendendo tambem que muitas outras designações de localidades, de instrumentos agrarios e objectos de uso commum são ainda termos arabes, sentiu curiosos desejos

MULHERES HESPANHOLAS — A MANOLA

de devassar os mysterios do passado, da vida e existencia d'esse notabilissimo povo, a cuja civilisação tanto devemos, embora uma separação profunda nos distinga nas crenças e na egualdade de direitos concedidos aos dois sexos.

Ouvindo em creança e rememorando depois as mil lendas e historias de mouras encantadas, de reis mussulmanos, de velhos castellos e jogos mouriscos, a sua imaginação pedia depois mais tarde ao criterio dos historiadores um conhecimento claro e verdadeiro. Mas a decepção foi grande, porquanto os escriptores christãos pouco lhe offereciam, a não ser descripções assás suspeitas de batalhas contra os *infieis*.

E insurgia-se contra a orientação de só se estudarem os monumentos romanos, commentando-os interpretando-os com carinho e fazendo confrontos elucidativos; ou quando muito levar esse estudo aos gregos, aos phenicios e ainda a invasores mais remotos. Os almohades, os homiadas e os almoravides, esses, eram esquecidos ingratamente. E entre os seus descendentes tantos illustraram o torrão que os viu nascer! Como explicar tal parcialidade e como obviar á continuação de tão injusto esquecimento?

Rememorou o sr. Oliveira Parreira diversos factos d'esses tempos, trouxe a lume alguns nomes celebres e os titulos de suas obras poeticas, e assim conseguiu elaborar um interessantissimo e erudito trabalho, a que deu a forma romantica, com o fim de divulgar amenamente certos conhecimentos historicos.

Para destrinçar o verdadeiro do phantasiado, isto é, o rigorosamente historico do que imaginou para o entretecimento do seu romance, o sr. Oliveira Parreira, á semelhança de Walter Scott, recorre a mil pequeninas notas curiosas, e no final do segundo volume insere algumas mais desenvolvidas, que só ellas dariam um grande valor ao estudo *Os luso-arabes*.

A edição é digna do assumpto e faz honra á Parceria Antonio Maria Pereira, de onde saiu.

Boletim *da Real Associação Central da Agricultura Portugueza* — N.º 1 — vol. 1 — Abril — 1899.

Sob a direcção dos ex.mos srs. B. C. Cinccinato da Costa, D. Luiz de Castro e Joaquim de Azevedo, a Real Associação de Agricultura Portugueza começou publicando um *Boletim* destinado a represental-a na imprensa.

Do presente numero o summario é o seguinte: *Constituição da Associação em 1 de abril de 1897 — Casaes ruraes*, conde de Bertiandos — *Conferencias, Oliveira Martins e as suas ideias sobre a economia agricola portugueza*, dr. Luiz de Magalhães — *Trabalhos da Associação: Assembléa geral (acta da sessão de 30 de janeiro), correspondencia; Representação acerca do regimen dos cereaes — Informações e noticias — Documentos officiaes — Boletim agricolo-commercial.*

A' nova publicação desejamos um largo futuro de prosperidades, de que são justo penhor a competencia dos seus directores e a importancia da associação de que o novo boletim é representante nas lides da imprensa.

O ensino primario e secundario — *por Bernardino Machado — Coimbra — Typographia França Amado, 1899.*

Paladino dedicado da causa da instrucção nacional, o sr. conselheiro dr. Bernardino Machado não perde ensejo de pugnar por ella, e sempre o faz brilhante e convincentemente.

A politica do ensino tem contado em Portugal alguns nomes de grande auctoridade, mas infelizmente vão elles rareando. O trabalho é improbo e a tarefa está longe de ser gloriosa, porque ha que, para dizer a verdade, concitar muitas antipathias, ferir muitos interesses.

Felizmente, alguns dos nossos mais illustres pedagogos, como o mallogrado Simões Dias, Bernardino Machado e Adolpho Coelho, teem escripto muito de proveitoso sobre o assumpto.

O presente livro do dr. Bernardino Machado ha de ter sempre um logar distincto entre os seus congeneres, pois se occupa dos dois ensinos geraes e necessarios e elucida, aconselha e defende com conhecimento e auctoridade.

Eis um indice das questões de que trata, na parte relativa ao ensino primario:

João de Deus; José Elias Garcia; O ensino primario antes, durante e depois de 1892.

Na parte referente ao ensino secundario abrange:

O ensino secundario antes de 1882, projecto de reforma do ensino secundario em 1883; As reformas do ensino secundario em 1886 e 1888; O lyceu de Lisboa em 1892; A reforma do ensino secundario de 1895; Lyceus para a mulher.

Como se vê, acham-se reunidos n'este volume varios artigos criticos cuja leitura esclarece bastante quem se interessar por tão magna questão como a do ensino nacional.